



# Contas à vida

A coisa que mais enerva quem está a envelhecer – e, escusando as fitas, quem não está? – é a sensação de que o tempo passa mais depressa quanto mais velho se vai ficando.

A medida-padrão deste incómodo é uma batota, porque é das primeiras coisas boas que se perdem quando se cresce: as férias grandes. Quando se é pequeno, as férias grandes nunca mais chegam. O tempo de espera é uma insuportável eternidade.

Depois, quando chegam, parecem mesmo grandes. Às vezes até – embora inconfessavelmente – grandes de mais. Mas não dura muito tempo essa sensação deslumbrante de três meses parecerem mesmo um mês inteiro; depois outro e, depois desses dois, ainda mais um mês inteiro.

Um dia – mesmo aos mais novinhos – chega a sensação melancólica das férias terem passado num instantinho. Esta é a maneira pouco subtil que tem a Vida de gritar no cerebrozinho dos meninos: «Parabéns Zezinho – estás a ficar velho!»

É nesses fins de tarde de Setembro, em que já está um bocadinho de frio – pois, o frio da velhice, nem menos – que uma criança de sete anos pode sentir-se um pré-cota em estado avançado.

Qualquer pessoa com 70 anos pode simpatizar com tal desolação. Com a mesma incompreensão da maneira como o tempo passa. Parece acelerar e

ganhar balanço à medida que avança. O que é deprimente quando se sabe o que nos espera no fim da linha.

No entanto, há uma razão muito simples para explicar esta sensação. Basta usar uma pitada de aritmética. Quando se tem sete anos e se quer uma mota, a resposta que se obtém, na melhor das hipóteses, é «No dia em que fizeres 14 anos, oferecemos-te a mota.»

O queixume da criança será «Mas ainda falta tanto tempo!», e a resposta instantânea e insensível dos pais é sempre «Vais ver que sete anos passam num instantinho.» E, para serem ainda mais irritantes, o pai olhará para a mãe com olhos de garoupa enevoadas e as sobrancelhas a repicar a velha cançoneta «Para onde foi a nossa juventude?»

Se ainda se quiser chatear mais o miúdo, poderá haver por perto um avô que acrescente em voz leve: «Olha, André – para tu fazeres uma ideia de como o tempo passa depressa, juro-te que ainda parece que foi ontem que a tua mãe me telefonou a dizer que tinhas nascido. Foi há sete anos e parece que foi ontem! É verdade!» (Já toda a gente se foi embora, mas ele continua a repetir sozinho «É incrível!» e «Ouve bem o que eu te digo!»)

Perante matemáticas destas, é um milagre não haver mais suicídios infantis. Pois é: chegou a altura de fazermos contas à vida. Basta uma pitada de aritmética para perceber.

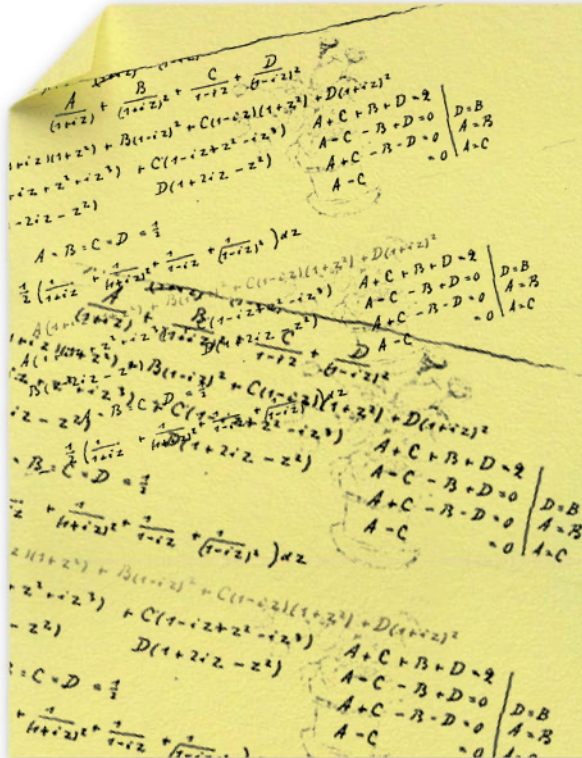
A criança, já se sabe, tem sete anos. Suponhamos, para simplificar, que os pais têm 35 anos e que o avô tem 70. À superfície, parece que os sete anos que é preciso esperar até o miúdo ter 14 são os mesmos, porque um minuto é um minuto para toda a gente, seja qual for a idade.

Só que não é assim. O tempo é sentido de maneira diferente por cada um e é essa percepção – e a diferença entre as várias percepções de pessoas diferentes – que é importante.

Mas não é por isso que passa a ser inteiramente subjectivo, para podermos encolher os ombros e irmos todos para casa. Vejamos então: o que são sete anos para um ser com sete anos de idade? É a vida inteira. Quando lhe pedem para esperar sete anos, estão a pedir-lhe que espere todo o tempo que conhece, mais aquele todo de que não se lembra sequer, quando era tão pequeno que era um esquecido a tempo inteiro.

Para quem tem sete anos, sete anos são 100 por cento da vida. É, de facto, uma eternidade. Para os pais, porém, sete anos é apenas 1/5 da vida; uns meros 20 por cento. Se tirássemos sete anos aos pais, eles ficavam (todos contentes) com 28 aninhos. Se tirássemos sete anos ao petiz ele não teria chance de se mostrar feliz ou triste com a subtracção: deixaria, muito simplesmente, de existir.

Quanto ao colaboracionista do avô, que tem 70, sete anos são uns míseros 10 por cento. Até como



IDADE	FRACÇÃO	VELOCIDADE
7 ANOS	1/1	10 KMS/H
14 ANOS	1/2	20 KMS/H
21 ANOS	1/3	30 KMS/H
28 ANOS	1/4	40 KMS/H
35 ANOS	1/5	50 KMS/H
42 ANOS	1/6	60 KMS/H
49 ANOS	1/7	70 KMS/H
56 ANOS	1/8	80 KMS/H
63 ANOS	1/9	90 KMS/H
70 ANOS	1/10	100 KMS/H
77 ANOS	1/11	110 KMS/H
84 ANOS	1/12	120 KMS/H
81 ANOS	1/13	130 KMS/H
98 ANOS	1/14	140 KMS/H

« ASSIM SE VÊ QUE DIZER A UM MIÚDO DE SETE ANOS PARA ESPERAR SETE ANOS PRODUZ A MESMA SENSÇÃO AFLITIVA QUE TERIA UM HOMEM DE 35 ANOS SE LHE DISSESSEM QUE TERIA DE ESPERAR 35 ANOS PARA TROCAR DE AUTOMÓVEL. OU, NA FARMÁCIA, A UM HOMEM DE 70 QUE O VIAGRA ESGOTOU MAS QUE SE ESTÁ À ESPERA DE UMA NOVA REMESSA PARA DAQUI A 70 ANOS, CHEGANDO, O MAIS TARDAR, EM JANEIRO DE 2079 »

desconto é uma miséria. É uma desconsideração pelo cliente. Para o avô, sete anos é apenas um décimo do cansaço existencial. Subtraem-se e ainda fica com 90 % do cansaço – o que já é cansaço que chegue, mesmo para os mais chateados.

Assim se vê que dizer a um miúdo de sete anos para esperar sete anos produz a mesma sensação aflitiva que teria um homem de 35 anos se lhe dissessem que teria de esperar 35 anos para trocar de automóvel. Ou, na farmácia, a um homem de 70 que o Viagra esgotou mas que se está à espera de uma nova remessa para daqui a 70 anos, chegando, o mais tardar, em Janeiro de 2079.

Se virmos as idades como fracções, é mais fácil ver como aumenta a velocidade do tempo à medida que envelhecemos. Com sete anos, sete anos é 1/1. É a vida inteira. Com 14 anos, sete anos é 1/2: é metade. Com 28 anos é 1/4: é um quarto. Com 56 anos é 1/8: um oitavo. Com 70 anos é 1/10: um décimo. Com 84 anos é 1/12 avos e, graças aos progressos da medicina, com 98 são 1/14 avos.

Agora, para ver a velocidade, basta acrescentar um zero ao número de baixo. Com sete anos, o tempo avança muito devagar, a 10 quilómetros por hora. Com

14 anos, a velocidade sobe para o dobro – 20 à hora – mas continua a ser muito lenta.

Saltemos já para os 56 anos, para ver como acelera. Já se vai a 80 à hora – o suficiente para ficar feito em fanicos, caso se embata numa árvore. Com 84 anos já se atinge o máximo permitido nas auto-estradas: 120 à hora. É uma velocidade estonteante.

A velocidade normal de cruzeiro – a do meio da vida, aos 42 anos – é de 60 à hora. Até aos 42, anda-se mais devagar do que a média [apesar de já ser depressa de mais para os gostos dos clientes]. E a partir dos 43, já se sabe: é sempre a acelerar.

Como o destino desta viagem é a morte, aí se tem o problema principal da vida: o tempo acelera quanto menos tempo falta para viver. Até parece que o sacana se precipita a maior velocidade por pressentir que está perto a meta desejada. Por outro lado, para quem tem ódio a estas acelerações vertiginosas, a morte tem uma coisa de muito bebé: é mais lenta do que o mais recenzinho dos recém-nascidos.

Do que precisamos é de uma tabela de equivalências, para as pessoas de idades diferentes perceberem a pressa ou o vagar umas das outras.

Os pais de 35 anos deveriam perceber que estão a

pedir ao filho que espere 35 anos para receber a mota. E deveriam comportar-se com o pesar que a extensão de tal período merece, em vez de anunciar frivolamente que o tempo passa num instantinho.

Por outro lado, o puto ranhoso de sete anos, ao levar, pela enésima vez, com os queixumes do avô de 70 acerca da rapidez da passagem do tempo (coisa que contrasta com o facto de ele passar a vida sentado no sofá, como se o tempo tivesse parado), tem de compreender que o raio do velho é um herói que vai lançado a cem à hora numa viatura perigosíssima – o sofá – que foi fabricada para não exceder um milímetro por hora.

Se a velocidade da vida não variasse – e acelerasse como acelera – quem nos diz que seria suportável? Andar a vida toda na mesma monótona marcha não será pior do que o esquema actual? – Mal por mal, não valerá mais a vida que temos e o tempo passar como passa?\*

M.E.C.

\* É uma pergunta-truque, claro. Depende da idade de quem responder!